

# Gerenciamento do dinheiro conjugal no recasamento cisheterossexual

Ivone Terezinha Sutil de Oliveira<sup>1</sup> , Bianca da Silva dos Santos<sup>1,\*</sup> , Gabriel Cavanus<sup>1</sup> ,  
Cláudia Mara Bosetto Cenci<sup>1</sup> 

1. Atitus Educação  – Passo Fundo (RS), Brasil.

\*Autora correspondente: [biancaafirmativa@gmail.com](mailto:biancaafirmativa@gmail.com)

Editora de seção: Eliane Pelles Machado Amorim 

Recebido: 14 Jul. 2025 Aceito: 14 Out. 2025

## RESUMO

A gestão financeira é uma questão presente em todas as configurações conjugais. Cada sistema conjugal tem uma forma de gerenciamento do dinheiro oriunda de diferentes vivências nas respectivas famílias de origem e no contexto socioeconômico-cultural. O gerenciamento do dinheiro se complexifica no recasamento. O objetivo deste estudo foi conhecer como ocorre o gerenciamento do dinheiro conjugal no recasamento entre pessoas cisheterossexuais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva e de corte transversal. Participaram dela 12 casais que vivem uma segunda união registrada em cartório ou são coabitantes, ambos com filhos do primeiro casamento. A coleta de dados foi realizada no período de abril a dezembro de 2021. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturada. Os dados coletados foram analisados à luz da análise temática, da qual emergiram três temas: companheirismo, conflitos e planejamento financeiro. Evidenciou-se que os cônjuges encontram estratégias para gerenciar o dinheiro conjugal no recasamento por meio de acordos explícitos e implícitos. Tais acordos têm como referências as experiências conjugais relacionadas ao manejo do dinheiro nos casamentos anteriores.

**Palavras-chave:** Família, Dinheiro, Recasamento, Conjugalidade, Conflito.

## Managing marital finances in remarriage among cisheterosexual people

## ABSTRACT

Financial management is an issue present in all marital configurations. Each marital system has a unique way of managing money that stem from different experiences in their respective families of origin and socioeconomic-cultural context. Money management becomes more complex in remarriage. The objective of this study was to understand how marital money is managed in remarriage among cisheterosexual people. This is a qualitative, exploratory, descriptive, and cross-sectional study. Twelve couples participated, all of whom are in a second union registered at a notary's office or are cohabitants, both with children from their first marriage. Data collection was carried out from April to December 2021. A sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview script were used as data collection instruments. The collected data were analyzed using thematic analysis, from which three themes emerged: companionship, conflicts, and financial planning. Spouses find strategies to manage marital money in remarriage through explicit and implicit agreements. Such agreements are based on marital experiences related to money management in previous marriages.

**Keywords:** Family, Money, Remarriage, Couple relationship, Conflict.

## Gestión del dinero conyugal en el nuevo matrimonio entre personas cisheterosexuales

## Resumen

La gestión financiera es una cuestión presente en todas las configuraciones conyugales. Cada sistema conyugal tiene formas singulares de gestionar el dinero que provienen de diferentes experiencias en las respectivas familias de origen y del contexto socioeconómico-cultural. La gestión del dinero se complica en el caso del nuevo matrimonio. El objetivo de este estudio es conocer cómo se gestiona el dinero conyugal en el caso de un nuevo matrimonio entre personas cisheterosexuales. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria, descriptiva y transversal. Participaron doce parejas que viven en una segunda unión registrada en notaría o que conviven, ambas con hijos de un primer matrimonio. La recopilación de datos se llevó a cabo entre abril y diciembre de 2021. Como instrumentos de recopilación de datos se utilizaron un cuestionario sociodemográfico y un guion de entrevista semiestructurada. Los datos recopilados se analizaron mediante un análisis temático, del que surgieron tres

temas: (a) compañerismo, (b) conflictos y (c) planificación financiera. Se evidenció que los cónyuges encuentran estrategias para gestionar el dinero conyugal en el nuevo matrimonio a través de acuerdos explícitos e implícitos. Dichos acuerdos tienen como referencia las experiencias conyugales relacionadas con la gestión del dinero en matrimonios anteriores.

**Palabras clave:** Família, Dinero, Nuevo matrimonio, Conyugalidad, Conflicto.

## INTRODUÇÃO

O recasamento pode ser definido como uma união na qual pelo menos um dos cônjuges já teve casamento anterior (Bernardi et al., 2016). A família recasada pode apresentar maior complexidade nas suas inter-relações e precisar de mais flexibilidade para que todos os membros encontrem satisfação na nova configuração familiar (Alves & Arpini, 2017).

Não se trata de apontar as famílias recasadas como mais problemáticas que outras configurações familiares. O recasamento pode trazer consigo o anseio de superar a experiência anterior, suas perdas, decepções, possíveis erros e a expectativa de construir uma relação, com uma história diferente (Bernardi et al., 2016). A identidade cultural de uma família é constituída de um sistema de valores e crenças muitas vezes ampliado pelas normas e costumes de um contexto social específico e transmitido pelas gerações, influenciando a forma como são exercidos os papéis familiares (Andolfi, 2019).

O dinheiro faz parte do sistema de valores e crenças de uma família e ainda é tabu nas relações conjugais, entretanto as questões financeiras estão presentes no cotidiano dos cônjuges com caráter simbólico e aspectos sutis. Esses aspectos estão relacionados a fantasias, relações de poder, gênero, lugar social, funcionamento familiar e subjetividade dos membros da família (Groisman, 2013).

Assuntos referentes ao dinheiro nem sempre são abordados no início da relação amorosa, porém são cotidianamente vivenciados ao longo de um relacionamento afetivo (Cenci et al., 2017). As implicações acerca da gestão financeira nas famílias recasadas ultrapassam o imediato, estendendo-se às perspectivas futuras, com algumas possíveis demandas (Soares, 2015). Assim, compete questionar: qual é a responsabilidade, em possíveis cuidados, de um/a/e enteado/a/e em relação à madrasta ou ao padrasto? O/a/e enteado/a/e terá cuidado com o envelhecimento, no que se refere ao acolhimento afetivo e ao suporte financeiro, do/a/e padrasto/madrasta? (Cadolle & Théry, 2003; Martial & Fine, 2002).

A maneira do casal administrar o dinheiro reflete padrões financeiros aprendidos com as famílias de origem, contudo isso pode ser modificado na busca por uma identidade financeira conjugal (Cenci & Habigzang, 2019). A relação dinheiro e conjugalidade é complexa e permeada pela subjetividade singular, familiar e cultural/social. Nesse sentido, os casais ocidentais são influenciados pelo contexto social e econômico capitalista, o qual pratica e apoia desigualdades econômicas operando por meio de dispositivos de poder como o sexismo, por exemplo (Foucault, 2019).

Na perspectiva sistêmica, a família é vista como um sistema que interage com outros sistemas diferentes com os quais está em interconexão (Figueiredo & Diniz, 2018). Para entender a família recasada como um sistema, é importante ter a compreensão das partes e do todo na premissa de suas interações. Um sistema é composto de partes interdependentes que se movem em direções diferentes, mas circulares e ativas (Costa & Dias, 2012).

Essa perspectiva mapeia fronteiras e regras e dá direção para a funcionalidade familiar dinâmica e interativa. Ela se baseia nos pressupostos da complexidade que remete à contradição e à instabilidade e nos princípios da desordem e da intersubjetividade, que, por sua vez, remetem à incerteza (Vasconcellos, 2009). O presente artigo resultou de uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo conhecer como ocorre o gerenciamento do dinheiro conjugal no recasamento entre pessoas cisheterossexuais.

## MÉTODO

### Delineamento

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem exploratória, descritiva, de corte transversal. Na abordagem qualitativa, considera-se o significado da vida das pessoas nas suas condições reais. Esse tipo de abordagem representa as opiniões e perspectivas das pessoas, abrange as condições contextuais em que vivem, contribui com revelações sobre conceitos existentes e/ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social e humano, além de esforçar-se para multiplicar fontes de evidências (Yin, 2016).

## Participantes

Participaram deste estudo 12 casais cisgênero<sup>1</sup> e heterossexuais<sup>2</sup>, totalizando 24 participantes, que vivem uma segunda união registrada em cartório ou que são coabitantes, ambos com filhos do primeiro casamento. O tempo de recasamento dos casais variou de dois anos e nove meses a 24 anos, e a idade dos participantes era de 39 a 72 anos. Participaram da pesquisa moradores dos municípios de Ibiraiaras, São Jorge e Lagoa Vermelha, os três na região nordeste do Rio Grande do Sul, Vacaria, na região da serra gaúcha, Chapecó, no oeste de Santa Catarina, Lages, na serra catarinense, e Humaitá, na região sul do Amazonas. Dos 12 casais participantes, apenas dois relataram não ter casa própria.

Nas Tabelas 1 e 2, apresentam-se as características individuais de cada participante.

**Tabela 1.** Características dos/as participantes com relação a dados sociodemográficos.

| Nome*     | Idade (anos) | Cor    | Escolaridade           | Ocupação                              | Renda (R\$)    |
|-----------|--------------|--------|------------------------|---------------------------------------|----------------|
| Onofre    | 64 e 59      | Branco | Fundamental incompleto | Taxista                               | 3.000 e 4.300  |
| Margarida |              | Parda  | MBA completo           | Professora aposentada                 |                |
| Gabriela  | 42 e 46      | Parda  | MBA completo           | Assistente social                     | 2.300 e 1.100  |
| Roger     |              | Pardo  | Superior incompleto    | Segurança                             |                |
| Jonas     | 72 e 65      | Branco | Fundamental completo   | Operador de máquinas aposentado       | 2.000 e 1.000  |
| Joana     |              | Parda  | Fundamental completo   | Cabelereira                           |                |
| Ana       | 43 e 52      | Branca | Médio completo         | Gerente de loja                       | 2.000 e 3.000  |
| Antônio   |              | Branco | Médio completo         | Caminheiro                            |                |
| José      | 50 e 47      | Branco | MBA completo           | Administrador                         | 12.000 e 1.700 |
| Maria     |              | Branca | Superior completo      | Atendente                             |                |
| Eliza     | 62 e 64      | Branca | Médio completo         | Servidora pública aposentada          | 3.500 e 1.100  |
| Chico     |              | Branco | Fundamental incompleto | Agricultor aposentado                 |                |
| Valdir    | 67 e 68      | Branco | Fundamental incompleto | Agricultor aposentado                 | 1.100 e 2.500  |
| Ita       |              | Branca | Fundamental incompleto | Agricultora aposentada                |                |
| Fátima    | 42 e 42      | Branca | Superior completo      | Naturopata/agricultora                | 1.500 e 1.500  |
| João      |              | Branco | Fundamental incompleto | Agricultor/<br>diretor de cooperativa |                |
| Laura     | 47 e 53      | Parda  | Doutorado              | Professora                            | 14.300 e 7.000 |
| Leandro   |              | Pardo  | Especialização         | Professor                             |                |
| Beatriz   | 46 e 44      | Parda  | Superior incompleto    | Artesã                                | 2.500 e 8.000  |
| Davi      |              | Pardo  | Superior incompleto    | Empresário                            |                |
| Jader     | 65 e 65      | Branco | Fundamental incompleto | Serviços gerais, aposentado           | 1.100 e 1.100  |
| Sueli     |              | Parda  | Fundamental incompleto | Doméstica aposentada                  |                |
| Sandro    | 43 e 39      | Pardo  | Fundamental incompleto | Serviços gerais                       | 1.380 e 1.300  |
| Valdirene |              | Negra  | Médio completo         | Doméstica                             |                |

\*Os nomes dados aos participantes são fictícios para preservação da sua identidade. Fonte: Elaboração própria (2021).

**Tabela 2.** Características dos/as participantes com relação ao recasamento.

| Nome*     | Tempo do primeiro casamento (anos) | Tempo do segundo casamento (anos) | Filhos (n) | Idade filhos (anos)       | Filhos do casamento atual | Paga/recebe pensão  | Religiosidade |
|-----------|------------------------------------|-----------------------------------|------------|---------------------------|---------------------------|---------------------|---------------|
| Onofre    | 12                                 | 24                                | 3          | 47<br>44<br>38 (falecido) | Não                       | Paga (para um neto) | Católica      |
| Margarida | 10                                 |                                   | 1          | 34                        |                           | Não                 |               |
| Gabriela  | 22                                 | 3,6                               | 3          | 26<br>21<br>16            | Sim (uma filha de 2 anos) | Recebe              | Católica      |
| Roger     | 22                                 |                                   | 1          | 21                        |                           | Não                 |               |

Continua...

1. Cisgênero refere-se à pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no momento do nascimento. Por exemplo, uma pessoa designada como do sexo feminino ao nascer e que se reconhece como mulher é considerada cisheterossexual.
2. Heterossexual refere-se à pessoa cuja atração afetiva e/ou sexual se dirige predominantemente a pessoas de gênero diferente do seu.

**Tabela 2.** Continuação...

| Nome*     | Tempo do primeiro casamento (anos) | Tempo do segundo casamento (anos) | Filhos (n) | Idade filhos (anos)                       | Filhos do casamento atual         | Paga/recebe pensão | Religiosidade |
|-----------|------------------------------------|-----------------------------------|------------|-------------------------------------------|-----------------------------------|--------------------|---------------|
| Jonas     | 25                                 |                                   | 3          | Não lembra<br>Não lembra<br>(um falecido) |                                   |                    |               |
| Joana     | 20                                 | 23                                | 5          | 41<br>38<br>36<br>34<br>30                | Não                               | Não                | Seicho-no-ie  |
| Ana       | 4                                  |                                   | 1          | 22                                        | Sim (um filho de 14 anos)         | Não                | -             |
| Antônio   | 13                                 | 22                                | 2          | 28<br>27                                  |                                   |                    |               |
| José      | 9                                  |                                   | 1          | 10                                        | Sim (um filho de 6 anos)          | Paga               | Católica      |
| Maria     | 13                                 | 7,6                               | 2          | 20<br>16                                  |                                   | Não                |               |
| Eliza     | 21                                 |                                   | 2          | 39<br>33                                  | Não                               | Não                | -             |
| Chico     | 25                                 | 13                                | 2          | 40<br>34                                  |                                   |                    |               |
| Valdir    | 24                                 |                                   | 3          | 41<br>21<br>(um falecido)                 | Não                               | Paga               | Católica      |
| Ita       | 16                                 | 15                                | 6          | 31 a 43                                   |                                   | Não                |               |
| Fátima    | 16                                 |                                   | 2          | 28<br>25                                  | Sim (uma filha de 5 anos)         | Não                | -             |
| João      | 16                                 | 12,8                              | -          | -                                         |                                   |                    |               |
| Laura     | 12                                 |                                   | 3          | 32<br>31<br>25                            | Sim (uma filha de 10 anos)        | Não                | Católica      |
| Leandro   | 21                                 | 13                                | 3          | 33<br>32<br>26                            |                                   |                    |               |
| Beatriz   | 6                                  |                                   | 1          | 28                                        | Sim (dois filhos, de 17 e 8 anos) | Não                | Católica      |
| Davi      | 5                                  | 17                                | 2          | 19<br>24                                  |                                   |                    |               |
| Jader     | 20                                 |                                   | 5          | 30<br>32<br>32<br>35<br>36                | Não                               | Não                | Evangélica    |
| Sueli     | 23                                 | 20                                | 3          | 33 (falecido)<br>42<br>48                 |                                   |                    |               |
| Sandro    | 16                                 |                                   | 1          | 19                                        | Não                               | Não                | Católica      |
| Valdirene | 18                                 | 2,9                               | 1          | 20<br>11                                  |                                   |                    |               |

\*Os nomes dados aos participantes são fictícios para preservação da sua identidade. Fonte: Elaboração própria (2021).

## Instrumentos

Foi utilizado o questionário sociodemográfico, que consiste em coletar informações como idade, escolaridade, profissão, número de filhos, tempo do primeiro casamento, tempo de recasamento, estado civil e renda dos entrevistados. O roteiro de entrevista semiestruturada foi desenvolvido especificamente para a pesquisa com base em Flick (2013). As entrevistas foram realizadas com os dois cônjuges juntos, iniciando-se com uma proposição aberta: contem-me tudo o que puderem sobre como se conheceram e decidiram coabitar/casar. Com base na narrativa conjugal, a pesquisadora questionou sobre:

- A história dos casamentos anteriores e do recasamento;
- Como administravam e administram o dinheiro;
- As dificuldades e potencialidades no gerenciamento do dinheiro com relação aos filhos.

## Procedimentos de coleta de dados

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Meridional, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 40956320.3.000.5319, deu-se início à coleta de dados. Os casais foram selecionados por conveniência por meio da rede relacional da primeira pesquisadora, de acordo com os critérios de inclusão. No período de abril a dezembro de 2021, nove entrevistas foram realizadas presencialmente seguindo as orientações dos órgãos de saúde referentes à pandemia de Covid-19, sendo disponibilizados aos participantes ambiente apropriado, álcool em gel e máscaras de proteção descartáveis. Três entrevistas foram realizadas *online*, sendo agendadas por telefone, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o questionário sociodemográfico foram enviados por *e-mail*. Os casais leram o questionário, responderam a ele, assinaram o TCLE e devolveram ambos escaneados, por *e-mail*, à pesquisadora. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas pela pesquisadora em sua totalidade.

Os participantes receberam uma cópia do TCLE, que foi lido no momento da entrevista, a fim de reforçar questões como sigilo, preservação da identidade dos participantes e garantia de que os resultados do estudo seriam usados apenas para fins de pesquisa. As entrevistas *online* foram realizadas pela plataforma Zoom, após leitura do TCLE e feitos os mesmos acordos das entrevistas presenciais.

As entrevistas ocorreram na presença dos cônjuges, tendo duração média de 50 minutos, na residência dos casais. Quanto às entrevistas *online*, os participantes receberam da pesquisadora um *link* enviado pelo aplicativo de mensagens WhatsApp uma hora antes da entrevista, e não foram identificadas diferenças limitantes em comparação com a modalidade presencial. Acredita-se que o formato *online* não substitui a presencialidade, mas aproxima-se muito dela no que diz respeito à possibilidade de um encontro ético, respeitoso, com *setting* definido, condições para expressão verbal e emocional dos sujeitos e postura acolhedora do entrevistador.

## Análise dos dados

Os dados coletados foram analisados por meio da análise temática, que consiste em descobrir núcleos de sentido presentes nas falas dos participantes (Braun & Clarke, 2006). Para tanto, seis passos foram respeitados:

- Familiarização com o material: escuta da entrevista e transcrição;
- Geração dos códigos iniciais: codificação e elaboração de tabela com as falas correspondentes ao objetivo da investigação;
- Pesquisa dos temas: revisão dos dados codificados visando identificar áreas de similaridade e sobreposição, síntese da tabela com a formação de temas;
- Refinamento da análise em subtemas: na elaboração dos temas não surgiram subtemas;
- Confecção de um mapa conceitual: nomeação dos temas e definição do que seja único e específico de cada um;
- Redação dos resultados: elaboração de sequência histórica clara e objetiva dos dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme os casais, eles se casaram muito jovens, enfrentaram problemas com alcoolismo, dificuldades financeiras, conflitos afetivos, traições, violência doméstica, alienação parental, vivências que, segundo eles, são naturais do casamento.

Os entrevistados citaram diferentes estratégias utilizadas antes da separação para adiar o rompimento. Alguns, em razão de crenças religiosas, insistiram no casamento por algum tempo, apesar da vontade da separação, pois acreditavam ser o certo manter o matrimônio. Outros decidiram esperar o crescimento dos filhos para concretizar a separação, pois se preocupavam com o sofrimento que poderiam lhes causar. Mediante a análise das entrevistas, emergiram três temas:

- Companheirismo;
- Conflitos;
- Planejamento financeiro.

## Companheirismo

O companheirismo é compreendido como um modo amistoso, cordial, bondoso e leal de convívio entre os cônjuges, visto como dinâmico, mutável e, portanto, em constante renovação (Vilar & Rabinovich, 2014). O companheirismo e a afetividade surgem no recasamento como possibilidade de nova vinculação, permitindo que a intimidade possa ser vivenciada (Dantas et al., 2019).

Os casais entrevistados disseram disponibilizar tempo para convivência diária no recasamento e argumentaram que suas relações são baseadas na lealdade, na fidelidade e no respeito mútuo. Os cônjuges expressaram a importância de vivenciar o companheirismo e o diálogo no recasamento. Eliza reforçou a diferença entre o casamento anterior e o atual, contando ter encontrado no recasamento o que esperava. Também ressaltou a importância de uma boa convivência: *“Esse casamento me trouxe assim o relacionamento diferente, porque ele é companheiro. Era isso que eu queria. Eu queria uma pessoa pra companhia; a gente se dá muito bem”*. O marido, Chico, acrescentou: *“É que eu ajudo também, né! A gente faz tudo junto!”*.

Segundo Eliza, existem cuidado e afeto, e isso favorece e consolida um espaço conjugal de parceria e companheirismo. Para afirmar *“era isso que eu queria”*, ela fez referência ao sonho que não aconteceu no primeiro casamento, recuperado, então, no recasamento. Assim, o comprometimento de cada cônjuge com a relação contribui para um ambiente conjugal saudável (Scorsolini-Comin & Santos, 2010).

As verbalizações de Maria e Gabriela sobre a convivência evidenciaram a realização conjugal esperada no casamento atual. O recasamento pode ser uma oportunidade de superar a experiência anterior, suas perdas, decepções e possíveis erros, construindo, assim, outra história (Bernardi et al., 2016). Maria percebeu a importância que José dá à família: *“Eu sinto a presença dele assim, mesmo quando ele não tá, a prioridade dele é com a gente! E isso faz bem!”*. Gabriela expressou que seu cônjuge, Roger, ajuda nas tarefas domésticas: *“Ele me ajuda nas questões de casa [...], ele vai, estende a roupa, tem uma parceria”*.

Antônio e Ana expressaram felicidade por uma relação melhor do que a do primeiro casamento. Segundo eles, aprenderam a não repetir os erros. Antônio percebeu o quanto Ana é sensível aos seus gestos. Ele disse que os olhos dela brilham quando ele chega com uma flor: *“E, olhando assim de outra forma o casamento anterior pra agora, muda bastante, né”*. Ana fez referência à parceria e à sintonia existentes entre ela e Antônio: *“Mas, assim, eu e ele combinamos muito, sabe. [...] Então a gente se dá muito bem”*. Antônio tornou-se mais romântico no recasamento, conseguiu estar mais atento à esposa e expressar o que sente. Esse comportamento faz com que sua esposa se sinta feliz com a relação. Isso indica que os casais estão mais focados nas relações afetivas. Tornaram-se mais românticos, algo esperado no recasamento. Dessa forma, o recasamento é uma relação que se apoia no desejo de superar uma experiência de perda anterior e almeja construir outra história, com suas complexidades, na delimitação das fronteiras no exercício das funções parentais e conjugais (Bernardi et al., 2016).

## Conflitos

Conflitos conjugais fazem parte do cotidiano da vida a dois e são definidos como qualquer situação de discordância e diferença de opinião entre o casal (Cummings & Davies, 2010). São compreendidos conforme quatro dimensões: frequência, conteúdo, intensidade e resolução. A frequência com a qual casais vivenciam desentendimentos está associada à insatisfação conjugal (Caughlin & Vangelisti, 2006). O conteúdo de discussão entre o casal está frequentemente relacionado aos filhos, ao mesmo tempo que o casal desfruta junto as finanças familiares, as tarefas domésticas e o sexo (Mosmann & Falcke, 2011). A intensidade dos conflitos pode variar, desde uma discussão calma até a violência física. Desse modo, conflitos intensos são aqueles que envolvem situações de violência (Grych & Fincham, 1990). Por fim, a resolução mostra-se como uma das dimensões mais importantes relacionadas ao conflito conjugal, pois é um dos fatores determinantes para o impacto positivo ou negativo dos desentendimentos no relacionamento do casal (Reese-Weber & Bartle-Haring, 1998).

Uma característica dos casais entrevistados é dar ênfase aos conflitos do casamento anterior. Isso pode se dar pelo aprendizado com os conflitos passados ou como uma forma de negar a existência de conflitos na relação atual. Outra

possibilidade é a de um divórcio emocional não resolvido, considerando que a maioria dos entrevistados recasou antes de completar dois anos da separação.

O divórcio emocional acontece na maioria dos casos durante o tempo de casados, no entanto pode estender-se por muitos anos, como acontece em alguns casos, e suscita sentimentos comuns aos sujeitos que vivenciam a experiência da ruptura amorosa. Porém, ao longo do processo de separação, diferentes sentimentos surgem, e o tempo e a intensidade da sua presença são variáveis conforme a posição que esse sujeito ocupa no processo. O divórcio conceitua-se como um momento difícil, permeado por muita tristeza, mas também como um momento de novas possibilidades e de crescimento pessoal (Damo & Cenci, 2021).

José relatou sua vivência em relação aos conflitos no casamento anterior: *“As coisas que eu queria e gostava, ela nada gostava. Então pensava, vamos fazer uma viagem assim. Chegava na hora, ela não concordava”*. Segundo ele, nunca conseguiram fazer atividades juntos. Os gostos e costumes eram diferentes, e não chegavam a um acordo. Nas poucas vezes em que viajaram juntos, as experiências foram marcadas por conflitos.

Quando o conflito se instala na conjugalidade, nota-se que outros desafios podem surgir, tais como: a percepção que se constrói sobre o/a/e parceiro/a/e e a relação; projeção dos conflitos internos; desencantamento afetivo; mudanças nos padrões interacionais e no manejo de atritos; aumento das discussões ou silêncio para evitá-las por motivos banais. Esses aspectos podem interferir na forma como o casal faz o manejo do dinheiro (Fêres-Carneiro & Diniz Neto, 2010).

Gabriela, ao falar dos conflitos no primeiro casamento, relatou que não se sentia valorizada. Pelo contrário, via-se como objeto financeiro, mais mãe do que esposa do marido: *“Eu vivia uma situação de não valorização, de exploração mesmo. [...] Eu não me sentia valorizada enquanto mulher, eu me sentia assim um lixo”*. Ela contou sobre a preocupação de não repetir o padrão de relação conjugal do primeiro casamento na relação atual. Assim, o recasamento apresenta-se como uma oportunidade para superar os conflitos não trabalhados e não resolvidos no casamento anterior. Apropriado da experiência da primeira relação, o recasamento pode ter fluidez, e os conflitos que surgem tendem a ser resolvidos.

Quando os cônjuges conseguem estabelecer parceria no enfrentamento das dificuldades, mantendo o diálogo, os conflitos rescindem. As falas de Joana e João exemplificam isso. Segundo Joana: *“Não, conflito econômico nós não temos, a gente tem assim tudo controlado, tudo com orçamento certinho”*. Joana falou do controle com alegria, pois, segundo ela, quando conheceu Jonas e eles decidiram morar juntos, ela estava cheia de dívidas, tinha cinco filhos pequenos pelos quais era responsável e, por isso, resistiu ao recasamento: *“Eu não quero, [...] e ele dizia assim ó: ‘Se não for pra te ajudar, pra te incomodar que eu não vou!’*. *Eu tinha medo”*.

João, marido da Fátima, disse que, quando o assunto é dinheiro, não é um mar de rosas. Sempre vai ter conflitos, mas é preciso sentar e conversar. Ele entende que o conflito é proveniente da diferença cultural. Segundo João, a esposa arrisca mais, não tem medo de fazer dívidas nem de investir na propriedade. Ele, no entanto, é mais inseguro e gosta de manter uma reserva no banco, pois no passado já perdeu tudo o que tinha: *“Eles existem, mas a gente consegue discernir, né [...]”*. *Então, essa realidade é uma questão cultural [...]*. *Às vezes, dá uns pega [risos]”*.

Durante as entrevistas, os homens tiveram mais facilidade para expressar conflitos e descontentamentos na conjugalidade atual, enquanto as mulheres apresentaram desconforto ao falar desses conflitos. Por vezes, justificavam e preferiam falar dos conflitos dos casamentos anteriores. Em algumas falas, esse conteúdo aparece de forma implícita, como, por exemplo, no relato de José: *“A gente vivia junto, assim não tinha algum conflito com relação, mesmo porque os dois tinham a mesma renda, né”*. Maria acrescentou: *“Chegava nos fins de semana, ele saía; era futebol, era trilha, e eu ficava trabalhando. Aí eu ficava braba, não queria. Aí foi cada vez gerando mais atritos; alguns atritos mais fortes. Assim não deu briga, de violência, mas discussão”*. Maria, durante a entrevista, falou da dificuldade que teve de pedir o divórcio, por acreditar que sua atitude causaria sofrimento à família. Esse sentimento ainda lhe parece pertinente e causa dificuldades para falar de conflitos.

Na entrevista com o casal Antônio e Ana, perceberam-se mágoas relacionadas ao primeiro casamento. Ana disse ter feito o que o ex-marido exigiu, dividindo os bens, ou seja, os móveis, em partes iguais, porém ela o fez de forma queixosa, por achar que deveria ficar com mais coisas, uma vez que o filho ficou com ela e o ex-marido nunca pagou pensão. Todavia, disse entender que ele tinha direito legal sobre a metade.

Antônio começou a entrevista negando o conflito, mas em seguida verbalizou incômodo em pagar as contas da ex-esposa, que, segundo ele, era descontrolada nas compras: *“Ah, eu na parte financeira, assim, quando a gente era casado, não era o problema, sabe [...]”*. *E sempre eu trabalhei sozinho, né. [...] Ela começou a trabalhar, mas o dinheiro dela era mais pra ela”*. Observou-se que Ana e Antônio se entendem como injustiçados no primeiro casamento. Por terem sido os maiores provedores, com o divórcio perderam parte do investimento. O término de uma relação afetiva após anos de convivência é uma experiência complexa que envolve aspectos conscientes e inconscientes do casal; ele acarreta sofrimento. Essas rupturas geralmente são vivenciadas como uma grande perda e implicam a elaboração do luto (Marcondes et al., 2006).

O casal Leandro e Laura tem visões diferentes a respeito do dinheiro. Essa divergência contribui para o surgimento de conflitos. Conforme Leandro, trata-se de um problema cultural e disse já ter mudado muito, entretanto ainda sofre com a situação. Quando precisa pagar uma conta com o cartão de crédito da esposa, sente-se mal, pois acredita ser ele o responsável pelas finanças. Sempre que utiliza algum valor da esposa, sente necessidade de prestar contas:

*“Pra usar qualquer coisa que seja dela, eu tenho que pedir dentro de uma formalidade”. Já Laura acha desnecessário: “Eu fico chateada [...] quando ele pega meu cartão, que eu entrego a ele [...]. Vai pro mercado e, quando ele volta, fica prestando conta, sendo que pra mim isso é desnecessário”.*

Percebeu-se que Leandro tem dificuldade no exercício da conjugalidade. Durante a entrevista, ele contou que foi morar na casa que era de Laura, e, mesmo já tendo feito investimentos que superam o valor do imóvel desde o início da relação, é como se sempre estivesse invadindo o que não é dele. A formação de um *nós* conjugal não é uma relação dual constituída de uma junção ou justaposição de dois indivíduos que se encontram em um espaço comum, mas de uma relação entre pessoas que requerem pertencimento, proximidade e intimidade, com o objetivo de construir uma vida em comum (Prandini, 2011).

## Planejamento financeiro

Nos casais em que um dos cônjuges ou ambos reconheceram estar com problemas financeiros no momento do recasamento, identificou-se que conversaram sobre o assunto e fizeram acordos sobre o pagamento das dívidas e compras triviais e estabeleceram acordos de curto prazo. Os casais que aparentemente não tinham esse problema não conversaram sobre o tema, e os acordos a respeito do gerenciamento do dinheiro foram surgindo conforme a necessidade. Uma necessidade citada por Eliza e Chico foi a falta de dinheiro para pagar as contas mensais. Alguns acordos são implícitos, e os cônjuges só se deram conta disso durante a entrevista, ao responderem à pergunta sobre planejamento financeiro. Outros são explícitos e pré-nupciais. Nos acordos implícitos, dividem as contas triviais, mas não fazem planejamento, com metas estabelecidas. Acordos explícitos consistem em planejamento das prioridades, metas para cada ano e reservas econômicas para eventualidades.

Antônio relatou que do primeiro casamento saiu *“só com a roupa do corpo”* e, em função disso, adquiriu dívidas. Disse que se sentia inseguro para iniciar a nova relação com dívidas e preferiu fazer um acordo, pelo qual cada um se comprometeu com os gastos próprios: *“Eu disse: ‘A gente pode experimentar morar juntos, mas você com os teus gastos e eu com os meus’”*. Ana acrescentou: *“Cada um com suas dívidas [...], o restante pagamos juntos e isso é assim até hoje”*.

Os acordos não impedem os conflitos, porém facilitam a resolução. Ana e Antônio nem sempre conseguem cumprir os acordos em relação ao filho que têm do recasamento. Para ele: *“Então, a gente decide assim junto as coisas. Tem coisas assim que às vezes eles fazem por trás dos panos, sabe, né”* (referindo-se a coisas que Ana compra para o filho). Ela acrescentou: *“Eu sempre procurei me dar bem, então às vezes a gente tem aquelas briguinhas, mas logo já procuro, já dou um abraço [...], procuro dizer: ‘Ó, você errou nisso’, ou eu errei, então vamo se acertar e botá um ponto final”*.

Durante a entrevista, Antônio e Ana repetiram algumas vezes estarem felizes no recasamento, o que não impede a percepção de que estão repetindo o comportamento do primeiro casamento. Ana queixou-se de que o seu ex-marido não cumpria as combinações. Por sua vez, também ela não está conseguindo cumprir os acordos feitos no recasamento. Antônio queixou-se de que a ex-esposa mentia e gastava. Essa queixa repetiu-se em relação à Ana. Percebeu-se que há reciprocidade e expressão de afeto na relação, porém ambos permanecem queixosos e com vínculos fragilizados. Há tendência, no recasamento, de repetir padrões relacionais apresentados nos casamentos anteriores, podendo, progressivamente, chegar à criação de outra identidade familiar singular (Costa & Dias, 2012).

Gabriela relatou a importância de um planejamento financeiro e da organização de suas contas. Afirmou que no início do recasamento eles se sentaram e fizeram um acordo: *“Ele disse: ‘Então, quem sabe a gente faz um acordo?’*. O planejamento já tem alguns resultados positivos no recasamento. O casal já conseguiu comprar um carro novo, construir uma casa e fazer um seguro de vida para cada um: *“Assim, nós tamo aprendendo muito ainda, mas, quando a gente elenca uma prioridade assim, [...] a gente consegue economizar um pouco”*.

A ausência de acordos antes do recasamento acerca do dinheiro não significa que o casal permaneça sem planejamento, como Maria e José. Segundo Maria: *“A gente conversava, não em termos de divisão, porque a gente sempre se ajudou um ao outro”*. Entretanto, no decorrer do recasamento, passaram a planejar: *“É sim, a gente discute o que vai ser feito, o que vai ser adquirido”* (Maria). José acrescentou que conseguem combinar tudo o que é necessário, até mesmo com anotações: *“É, combina tudo, né [...] a gente coloca numa agenda”*. Maria fez referência ao tempo estabelecido no planejamento, geralmente elaborado no fim do ano para o próximo ano, definindo as metas prioritárias e urgentes. José destacou a importância de metas em comum, e assim o planejamento é feito com base nos objetivos.

O planejamento também está presente no relato do casal Fátima e João. Fátima falou do planejamento como uma rotina da casa, existindo até um horário para ser observado: “O planejamento acontece nesse horário, acordamos cedinho, né, tomamos um chimarrão e já vai encaminhando as coisas, planejando e conspirando, né”. João descreveu a necessidade de cuidar da receita para não faltar no orçamento: “E a gente paga o que precisa e vai selecionando as emergências”.

Evidenciaram-se nas entrevistas os acordos implícitos, que são comuns nas relações conjugais. Os cônjuges encontram formas complexas e significativas para realizar o gerenciamento do dinheiro e, ao longo do ciclo conjugal, vão descobrindo formas e combinações. Acordos implícitos configuram-se como decisões significativas para a relação conjugal e poderão resultar em novos conflitos, novas exigências (Cenci et al., 2017).

É possível exemplificar um acordo implícito na fala da Sueli, ao relatar sobre as dificuldades que o casal passa por causa do adoecimento. Sueli disse que eles nunca se preocuparam em fazer uma reserva financeira: “É, nós nunca se preocupamo já digo de guardar um dinheirinho, né, nunca ia imaginá que ia ficar os dois doente desse jeito”.

Sueli e o esposo, Jader, encontram-se doentes, com dependência física. Disseram que foram abandonados pelos filhos de Jader, pois, conforme Sueli, eles não concordam com o recasamento. Hoje, segundo Sueli, a condição para que cuidem de Jader é a volta dele para a ex-esposa. Jader corroborou a fala da Sueli, lembrando a posição do filho: “Ele queria que eu me separasse dela. Eu disse: ‘Não! Quem sabe se vai deixar dela sou’”. Observou-se, nesse casal, que há consequências de acordos implícitos, sem planejamento para o futuro. O debate sobre os desafios e potencialidades acerca dessas famílias a respeito de sua gestão econômica vai para além do tempo presente e nos remete a pensar possibilidades e saídas futuras (Soares, 2015). O casal Ita e Valdir também não planejam de forma explícita. Ita afirmou: “É, a gente no dinheiro a gente se ajuda, né”.

O casal Margarida e Onofre está em fase de desenvolvimento diferente: ela aposentada, ele ainda não. Ela gosta de viajar, mas disse que ele não gosta. Onofre olhou para a esposa e disse: “Não é que não gosto, mas eu não estou nas mesmas condições suas, eu tenho que trabalhar”. O casal costuma anotar em uma agenda as contas fixas da casa e divide o valor das compras de mercado. Segundo eles, foi assim desde o início. Em comum, possuem uma conta-poupança. Conforme Onofre: “Nós desde o início nós dividimos, [...] até quando a gente ia pra praia, eu com os meus [filhos] e ela com o dela”.

No recasamento de Valdirene e Sandro, percebeu-se que houve acordos desde o início. Valdirene fez questão de manter a independência financeira, que, segundo ela, conquistou ao longo da vida. Ela nunca pretendeu ficar dependendo de outra pessoa para pagar suas contas. “Ele disse: ‘Olha, já que eu tô contigo, eu vou pagar as despesas da casa’ [...] Eu disse: ‘Não, a gente vai se dividir, né’. [...] E até hoje a gente faz assim”. Sandro precisou rever sua compreensão cultural de provedor da casa: “A gente vai aprendendo no dia a dia, porque a escola da gente é aqui dentro, não é lá fora, né”.

Tendo presente a diversidade encontrada entre os casais entrevistados, evidenciou-se que os papéis de homem e mulher não têm fronteiras rígidas nem previamente definidas, uma vez que os cônjuges conseguem conversar e estabelecer acordos, mas há manutenção do construto cultural de que o homem ocupa o lugar de melhor administrador. Viu-se isso na fala da Beatriz: “Eu sou insegura, então tem coisa que quando eu vejo ele já fez”. Davi, esposo da Beatriz, legitimou a fala: “E eu sempre procuro apoiar o que ela gosta. Como ela não entende muito na minha área, daí ela sempre tem a preocupação, né”. Em sua fala, Beatriz disse ter insegurança em grandes investimentos. Por causa disso, seu marido nem sempre lhe fala o que vai fazer. Quando fica sabendo, ele já o fez, porém ela disse que ele é um bom administrador, que sempre acerta.

Verificou-se a valorização do gênero masculino em detrimento do feminino na relação de Ana e Antônio. Com isso, ele sente que deveria ser o provedor, dando ao masculino o lugar de ação, de chefia. Antônio revelou insegurança em começar uma nova relação por não ter condições de ser o provedor, pois ele tinha de pagar pensão para duas filhas e Ana tinha um filho: “E aí que eu imaginava, [...] não vou ter condições de ter outra família, né”. Ao trazer a responsabilidade para si, Antônio sofre por não se sentir capaz de ser o provedor.

Mesmo as mulheres mostrando maior independência na administração do dinheiro, elas tendem a ser mais precavidas e se sentem inseguras quanto ao que fazer sem o auxílio do companheiro (Perlin, 2006). Com isso, concluiu-se que o dinheiro tem sido, além de um objeto de poder financeiro, também um objeto com significado emocional, o que pode influenciar o comportamento das pessoas (Rose & Orr, 2007), incluindo na manutenção ou no questionamento dos papéis tradicionais de gênero.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo resultou de uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo conhecer como ocorre o gerenciamento do dinheiro conjugal no recasamento cisheterossexual. Os resultados foram analisados pela análise temática, da qual emergiram três temas:

- Companheirismo;
- Conflitos;
- Planejamento financeiro.

Neles, observou-se a existência de maior companheirismo em relação ao primeiro casamento, complementando a ideia de que o recasamento, para muitos, é uma oportunidade de corrigir equívocos e expectativas frustradas. Com isso, os casais recasados não estão isentos de conflitos, mas têm a chance de experimentar diálogos e, assim, resolver, em parte, de forma construtiva as situações advindas da convivência conjugal.

Observou-se que os casais entrevistados enfatizaram os conflitos vivenciados no primeiro casamento e minimizaram os conflitos do casamento atual, como se houvesse uma necessidade de afirmar que o recasamento está funcionando. Outra característica encontrada entre os casais é a repetição do padrão relacional na tentativa de resolução de conflito no atual casamento. Quanto ao planejamento financeiro, foi possível compreender que os cônjuges encontram estratégias de gerenciar o dinheiro por meio de acordos explícitos e implícitos. Conforme os resultados, no recasamento, os casais gerenciam melhor o dinheiro, embora nem todos os entrevistados tenham estabelecido em conjunto um planejamento financeiro a médio e longo prazo. Casais que realizam planejamento financeiro tendem a gerir o dinheiro de forma conjunta, enquanto aqueles que não o fazem mantêm o gerenciamento individual dos recursos, justificando essa escolha como forma de preservar a autonomia de cada cônjuge.

Outro aspecto presente no relato dos entrevistados a respeito do tema dinheiro é a naturalidade do diálogo quando há planejamento conjunto sobre desejos, necessidades e possibilidades de investimento financeiro mediante os recursos de cada um dos cônjuges. Os casais que não relataram o hábito de planejar conjuntamente seu dinheiro justificaram que o diálogo ocorre na necessidade de resolução de uma dificuldade financeira.

O presente estudo teve o objetivo de contribuir para maior reflexão sobre o gerenciamento do dinheiro conjugal no recasamento, possíveis conflitos nessa temática e outras dificuldades decorrentes da questão econômica do casal. Os casais entrevistados estão todos na faixa etária da meia-idade e são na maioria de classe média, o que pode ser considerado uma limitação desta pesquisa. Assim, sugere-se que pesquisas futuras contemplem casais de outras faixas etárias e de outras classes sociais.

## CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

## CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

**Concepção e desenho:** Cenci, C. M. B. **Análise e interpretação dos dados:** Oliveira, I. T. S. **Redação do artigo:** Oliveira, I. T. S., Santos, B. S. e Cavanus, G. **Revisão crítica:** Cenci, C. M. B., Cavanus, G. e Santos, B. S.

## DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não se aplica.

## FINANCIAMENTO

Não se aplica.

## AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

# REFERÊNCIAS

Alves, A. P. & Arpini, D. M. (2017). A conjugalidade e os conflitos vivenciados a partir do recasamento. *Pensando Famílias*, 21(1), 3-19. Recuperado de [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1679-494X2017000100002](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2017000100002)

Andolfi, M. (2019). *A terapia familiar multigeracional: instrumentos e recursos do terapeuta*. Artesã.

Bernardi, D., Dias, M. V., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2016). Definindo fronteiras no recasamento: relato de uma experiência clínica. *Pensando Famílias*, 20(2), 43-55. Recuperado de [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2016000200004&lng=pt&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200004&lng=pt&tlng=pt)

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Cadolle, S., & Théry, I. (2003). *Entraide et solidarité dans les constellations familiales recomposées*. Rapport de Recherche pour la Caisse Nationale des Allocations Familiales.
- Caughlin, J. P., & Vangelisti, A. L. (2006). Conflict in dating and marital relationships. In J. G. Oetzel & S. Ting-Toomey (Eds.), *The SAGE handbook of conflict communication: Integrating theory, research, and practice* (pp. 161-185). Sage. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/317333192\\_Conflict\\_in\\_Dating\\_and\\_Marital\\_Relationships](https://www.researchgate.net/publication/317333192_Conflict_in_Dating_and_Marital_Relationships)
- Cenci, C. M. B., Bona, C. S., Crestani, P. L., & Habigzang, L. F. (2017). Dinheiro e conjugalidade: uma revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 25(1), 385-399. <https://doi.org/10.9788/TP2017.1-20>
- Cenci, C. M. B., & Habigzang, L. F. (2019). Dinheiro e conjugalidade: posicionamentos e estratégias conjugais para resolução de dilemas financeiros. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(1), 159-174. <https://doi.org/10.36298/gerais2019120112>
- Costa, J. M., & Dias, C. M. S. B. (2012). Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(3), 72-87. Recuperado de [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872012000300006&lng=pt&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300006&lng=pt&tlng=pt)
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2010). *Marital conflict and children: an emotional security perspective*. Guilford.
- Damo, D. D., & Cenci, C. M. B. (2021). Emotional divorce: similarities and differences according to the position occupied. *Trends in Psychology*, 29, 505-518. <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00088-w>
- Dantas, T., Féres-Carneiro, R. N., Machado, N. M., & Magalhães, A. S. (2019). Repercussões da parentalidade na conjugalidade do casal recasado: revelações das madrastas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3545. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3545>
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*, 20(46), 269-278. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200014>
- Figueiredo, M. G., & Diniz, G. R. S. (2018). Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 100-119. <https://doi.org/10.38034/nps.v27i60.393>
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes* (M. Lopes, Trad.). Penso.
- Foucault, M. (2019). *A vontade de saber* (21ª ed., M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Graal.
- Groisman, M. (2013). *Minha família & meu dinheiro: a história familiar comanda seu dinheiro?* Núcleo Pesquisas.
- Grych, H. J., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: a cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267-290. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.108.2.267>
- Marcondes, M. V., Trierweiler, M., & Cruz, R. M. (2006). Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(1), 94-105. Recuperado de [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000100009&lng=pt&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100009&lng=pt&tlng=pt)
- Martial, A., & Fine, A. (2002). L'argent dans les familles recomposées après divorce. *Dossier d'étude de la Caisse Nationale des Allocations Familiales*, 29. Recuperado de [https://caf.fr/sites/default/files/medias/cnaf/Nous\\_connaitre/Recherche\\_et\\_statistiques/Dossiers\\_d\\_etudes/2002\\_DE\\_29\\_Largent\\_dans\\_famillesrecomposees\\_CNAF.pdf](https://caf.fr/sites/default/files/medias/cnaf/Nous_connaitre/Recherche_et_statistiques/Dossiers_d_etudes/2002_DE_29_Largent_dans_famillesrecomposees_CNAF.pdf)
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16. Recuperado de [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702011000200002&lng=pt&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002&lng=pt&tlng=pt)
- Perlin, G. D. B. (2006). *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal* (tese de doutorado, Universidade de Brasília). <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9274>

- Prandini, R. (2011). "Noi". La costituzione e la rilevanza sociologica delle soggettività sociali riflessive. In P. Terenzi (Ed.), *Percorsi di sociologia relazionale* (pp. 118-145). Franco Angeli.
- Reese-Weber, M., & Bartle-Haring, S. (1998). Conflict resolution styles in family subsystems and adolescent romantic relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 27(6), 735-752. <https://doi.org/10.1023/A:1022861832406>
- Rose, G. M., & Orr, L. M. (2007). Measuring and exploring symbolic money meanings. *Psychology and Marketing*, 24(9), 743-761. <https://doi.org/10.1002/mar.20182>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015>
- Soares, L. C. E. C. (2015). Recasamento, dinheiro e solidariedade: Possíveis demandas das famílias recasadas nos tribunais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 24(53), 82-94. Recuperado de <https://revistanps.com.br/nps/article/view/148>
- Vasconcellos, M. J. E. (2009). *O pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Papirus.
- Vilar, J., & Rabinovich, E. (2014). Tipos de conjugalidade e sexualidade na transição para a parentalidade de mulheres de classe média de Salvador, Bahia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(1) 29-46. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812014000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000100003&lng=pt&tlng=pt)
- Yin, R. K. (2016). Compreendendo a pesquisa qualitativa. In R. K. Yin (Ed.), *Pesquisa qualitativa do início ao fim* (pp. 3-18). Penso.